

Popularização científica e concepções de infância no documentário *Bebês em foco*

*Angelina Nunes de Vasconcelos
Priscila Nunes de Vasconcelos
Alessandra Jacqueline Vieira*

Reinvenção da infância: a criança produtiva

“Conviver com estes jovens indivíduos curiosos e emocionantes que estão crescendo e aprendendo sobre o mundo é inspirador. Mas também nos permite fazer perguntas fundamentais sobre o que carregamos e como nossas experiências nos moldam. Acho que o segredo para responder estas perguntas está na infância” (ROOT, 2020, parte 2, ep. 2, 51min).

O presente capítulo tem como objetivos problematizar as concepções de infância e família discutidas no documentário, a partir dos aspectos psicológicos, linguísticos e nutricionais, bem como o movimento de popularização da ciência para o público em geral, mobilizado pela série.

No que diz respeito ao primeiro objetivo, discute-se aqui, resgatando o processo histórico de invenção da infância inspirado em Philippe Ariés (1979), a concepção de infância refletida na série por especialistas e famílias contemporâneas. Segundo Ariés (1979), as concepções de família e criança são construções históricas e sociais que variam ao longo de diferentes períodos históricos. Ainda segundo o autor, o ideal de uma infância ingênua e a preocupação com a proteção da criança eram praticamente inexistentes na Antiguidade, surgindo na Idade Moderna, juntamente ao desenvolvimento da educação moral e pedagogia. Argumenta-se aqui que essa percepção de criança a ser protegida e afastada do mundo adulto começa a ser questionada e ressignificada na contemporaneidade, conforme ilustrado na série.

O documentário *Bebês em foco* apresenta um bebê que já não corresponde à imagem de criança bucólica que “não sabe” ou “não pode” realizar atividades. Mas sim, um bebê com diferentes potencialidades – para falar, andar, julgar e amar, a serem desenvolvidas e exploradas já nos primeiros anos de vida, engajando-se socialmente. Essa concepção se desdobra em expectativas de produtividade infantil, pois, segundo esta compreensão, os bebês devem ser estimulados e ensinados já nos primeiros meses de vida. Os especialistas acompanhados no documentário constantemente reafirmam que bebês sabem e aprendem mais do que anteriormente se acreditava ser possível.

A infância é então focalizada como período central para o desenvolvimento humano e social, pleno de potencialidades, devendo ser estimulada e focalizada por suas repercussões na vida adulta. Na mesma direção, as famílias retratadas reorganizam suas rotinas e atividades tendo a chegada do bebê e suas necessidades como fulcro central, ilustrando as concepções de família presentes na contemporaneidade.

A estética visual do documentário busca também traduzir o hiperfoco – científico e cultural – nos bebês e crianças, colocando-os no centro das cenas. Muitas vezes, a câmera ocupa o ponto de vista da criança (tanto em

termos de altura, quanto de foco e movimentação), colocando o espectador literalmente neste lugar (por exemplo, mostrando imagens desfocadas que correspondem à visão do bebê nos primeiros meses de vida).

Os achados de diferentes estudos científicos e concepções de especialistas parecem estar alinhados, portanto, com o lugar – central e basal – atribuído à infância em nossa sociedade. O movimento de popularização dessas descobertas e avanços científicos será explorado no tópico seguinte.

Popularização da ciência

“Pegamos este conhecimento e, espero, fazemos a melhor ciência possível para otimizar a saúde e os cuidados com os bebês. Este é o maior objetivo” (ROOT, 2020, parte 2, ep. 03, 48 min).

Em um movimento de divulgação científica, o documentário organiza todos os episódios de maneira semelhante – inicia apresentando a questão e/ou fenômeno social que mobilizou as pesquisas que serão discutidas, por exemplo “como meu vínculo com minha filha se forma?” ou “quando e como bebês aprendem a dormir?”, apresentando, portanto, o fenômeno social em questão.

Após apresentar essa questão mobilizadora, o roteiro discute o que já foi produzido sobre o tema em outras pesquisas com adultos ou outras espécies. Por exemplo, sobre a questão “como meu vínculo com minha filha se forma?”. A importância da ocitocina para a formação desse vínculo é apresentada como já observada entre mamíferos. Em seguida, ilustra como pesquisadores formulam questões de estudo, desenvolvendo estratégias metodológicas para respondê-las.

No exemplo aqui discutido (importância da ocitocina no estabelecimento de vínculo entre mãe-bebê e pai-bebê), a estratégia apresentada foi medir a quantidade de ocitocina em mães e crianças em diferentes momentos – durante a gestação, parto e após o parto, variando contextos (quando a mãe está

tocando o bebê ou somente o olhando etc.), bem como diferentes sujeitos, comparando níveis de ocitocina entre pais e mães. Dessa maneira, a série ilustra o modo como as questões científicas avançam e como suas afirmações e hipóteses não são estanques, mas são desenvolvidas e mesmo abandonadas, conforme novos estudos são desenvolvidos.

A série alterna cenas cotidianas de famílias com depoimentos de especialistas, buscando deixar claro para o espectador como a ciência se relaciona com a vida diária. Ao mesmo tempo, aproxima a figura do especialista a do leigo, na medida em que as percepções e experiências cotidianas são valoradas, como as interpretações teóricas de especialistas.

O estabelecimento dessa ponte entre ciência e vida cotidiana é central para o movimento de popularização científica, deixando claro para o público como a ciência tem aplicações efetivas em sua vida cotidiana. Ao explorar os desdobramentos dessas descobertas para o cotidiano das famílias, sugere-se, por exemplo, que o papel da figura paterna nos cuidados com o recém-nascido deve ser ressignificado. Desse modo, reflete como as pesquisas têm função no processo de ressignificação das relações sociais, estreitando a afinidade entre ciência e concepções socioculturais de família, ao discutir, por exemplo, como os papéis de gênero atribuídos socialmente não encontram respaldo biológico, visto que o hormônio ocitocina é encontrado em níveis semelhantes em homens e mulheres, desde que participem ativamente dos cuidados com a criança.

Em adição, a série apresenta também dificuldades das pesquisas e questões que surgem no cotidiano do cientista, como problemas no design metodológico, problemas encontrados para publicação dos estudos, especialmente em decorrência de resistências da comunidade científica diante dessa nova concepção de infância potente e já detentora de diversas capacidades. Ainda no que diz respeito às concepções científicas apresentadas, a série traz discussões metodológicas complexas de maneira simples. Um exemplo é a problematização da quantidade de sujeitos no estudo *versus* quantidade de dados (por exemplo, uma pesquisa realizada com cinco bebês, por meio de visitas e filmagens semanais, envolveu a análise de 674 sorrisos), relativizando a noção de que estudos científicos precisam ser construídos com uma grande quantidade de sujeitos. Desse modo, aproxima o espectador da realidade das

dificuldades da pesquisa científica, tornando-a mais acessível e compreensível à sociedade como um todo.

De maneira geral, a série busca ilustrar como a ciência pode ajudar a compreender e alterar o cotidiano, apresentando o fenômeno ou questão tal como vivida pelo adulto e discutindo como este comportamento ou fenômeno têm início na infância.

Psicologia do desenvolvimento

Para funcionar no mundo, precisamos compreender quem somos. Como construímos essa ideia de nós mesmos? Quais são os ingredientes básicos? Quando bebês entendem que são indivíduos únicos com sua própria identidade, com suas paixões? (ROOT, 2020, parte 2, ep. 05, 1 min).

Buscando ilustrar a concepção de criança adotada na série, discutem-se aqui a temática do desenvolvimento infantil e a psicologia do desenvolvimento, tópicos que perpassam diferentes episódios. A partir da concepção de infância já aqui discutida, os bebês são apresentados no documentário como plenos de capacidades (ainda em potência) já presentes no nascimento. Essa concepção se traduz em uma perspectiva de desenvolvimento que se constrói a partir de pré-disposições biológicas e genéticas, mas que dependem da interação e estímulo social para serem desenvolvidas (especialmente discutido no episódio “Natureza e criação”).

Autores como Piaget (2002) são, ainda que não diretamente citados, contestados em afirmações, como crianças já são detentoras de saberes sobre permanência do objeto, gravidade, continuidade, muito antes do anteriormente postulado. Os pesquisadores apresentados argumentam que concepções anteriores sobre o desenvolvimento infantil foram construídas com base no comportamento das crianças, ou seja, no que elas são capazes de fazer. Entretanto, métodos atuais – especialmente equipamentos de ressonância

magnética, tomografia e rastreamento ocular – teriam possibilitado a observação de potencialidades que ainda não se desdobraram em comportamentos. Observa-se, desse modo, certa prevalência do biológico e, mais particularmente, do cérebro como *locus* do desenvolvimento infantil. Entretanto, a importância da interação social e do contexto não deixa de ser enfatizada.

O cuidado, a interação social e o estresse são apresentados como elementos que podem afetar fisicamente os pais e recém-nascidos, impactando no desenvolvimento. Como exemplo, o documentário pontua como o estilo de criação afeta o cérebro da criança, mais especificamente o tamanho do hipocampo (crianças que recebem menos atenção teriam o hipocampo maior). Destaca-se, portanto, como afetar estruturas físicas, especialmente o “cérebro” é considerado comprovação máxima do impacto da interação no desenvolvimento humano.

A série apresenta também concepções de aprendizagem que envolvem o papel ativo do bebê, destacando a importância dos movimentos de exploração do ambiente como centrais para a aprendizagem, por possibilitarem um maior número de conexões cerebrais, novamente destacando o papel do contexto somente na medida em que afeta estruturas biológicas. Ressalta, portanto, que bebês têm a possibilidade de tomar decisões e se dedicar a tarefas, sugerindo intervenções para educação infantil, particularmente apontando que explorar livremente o ambiente é mais benéfico para aprendizagem do que incentivar a resolução de problemas específicos.

É importante destacar que a comprovação repetidamente apresentada no documentário, de que diversas habilidades podem ser observadas já no bebê, levam-nos a conclusão de que esta presença tão precoce só pode ser resultado de uma pré-disposição genética. Como consequência, reforça constantemente a necessidade de estimular, ensinar, e antecipar aprendizados, de certo modo corroborando a ideia de uma criança “produtiva” – que pode fazer mais e mais rápido, antecipando a possibilidade de adulto mais preparado. Ao apontar a importância da cooperação e organização social, sugere que a criança deve ocupar o centro desse sistema, na medida em que carrega habilidades que precisam do estímulo e suporte social para se desenvolver.

Aquisição e desenvolvimento da linguagem

Os bebês querem dialogar conosco [...] converse com o bebê, compartilhe coisas com seu bebê, preste atenção ao que ele observa e aponta, porque essa é a base da jornada incrível dele em nosso mundo social (ROOT, parte 2, ep. 3, “Relações”, 49 min 22 seg).

Opondo-se às ideias que moldavam a criança como um ser passivo, que apenas adquiria a linguagem por imitação, a série destaca ao longo de seus episódios que a criança desenvolve a linguagem agindo no “mundo”, evidenciando que, para isso, é essencial a participação da mãe, do pai e dos que com ela interagem. Neste capítulo, portanto, discutiremos como a série aborda os conceitos relacionados à aquisição da linguagem, atrelados a uma nova visão de infância e às pesquisas científicas mais recentes sobre a linguagem dos bebês.

A série busca quebrar o paradigma antes existente de que a aquisição da linguagem se iniciava apenas, quando havia a produção de palavras lexicais (próximas da linguagem do adulto), visão que se pautava quase que exclusivamente no aspecto biológico. Para essa quebra, discute que as ações, os sons e os olhares da criança não são aleatórios, sendo significativos e fundamentais para a aquisição da linguagem.

Para fundamentar essas afirmações, alguns experimentos com bebês são mostrados durante os episódios, enfatizando que a criança está atenta a todos os movimentos de linguagem com a qual interage – como aos gestos, aos movimentos corporais, aos sons, às expressões faciais, à entonação etc. –, participando ativamente de todo o processo de aquisição. Há, nesse sentido, uma mudança no modo como se concebe o bebê: não mais como um ser que deve ser protegido, que nasce frágil, mas, sim, um sujeito que atua e está imerso no universo da linguagem desde antes de seu nascimento. Na série, ressalta-se em vários momentos que quanto mais integrada à vida adulta e à sociedade, mais ela irá aprender e se desenvolver.

Destaca-se também, ao longo de toda a série, a importância da relação da criança com os outros e com a própria linguagem para a sua formação enquanto ser social – o que demonstra o entrelaçamento entre linguagem, psicologia, aspectos sociais etc. A linguagem, portanto, permite à criança constituir-se agindo no mundo (e na própria língua/gem). Sendo assim, a série enfatiza que é por meio da aquisição da linguagem que a criança desenvolve habilidades sociais e cognitivas.

É a partir da relação da criança com os interactantes (o pai, a mãe, seus irmãos, etc.) que são desenvolvidos os aspectos da língua de sua comunidade de fala – fonológicos, semânticos, morfológicos, pragmáticos, sintáticos – como é o caso dos sons de língua materna. De acordo com a série, os bebês, aos seis meses de idade, são capazes de discernir os sons de todos os idiomas do mundo, e ao longo do tempo, entretanto, o bebê, ao interagir cada vez mais com a língua, perde esta habilidade e passa a afunilar para os sons da língua habitual, perdendo a capacidade inicial de produzir e discernir todos os sons (ROOT, 2020, parte 2, ep. 6, “O que os bebês sabem”, 48 min). Essa é uma habilidade humana essencial para o processo de aquisição da linguagem, fazendo com que a criança foque em sua própria língua materna. Contudo, salienta a série, esses sons não são adquiridos passivamente, como se o bebê apenas os reproduzisse. Há um “trabalho” da criança com esses sons, que acontece desde antes de seu nascimento: já no útero os bebês captam a musicalidade da linguagem (ROOT, 2020, parte 1, ep. 2, “Primeiras palavras”).

Essas etapas são perceptíveis aos adultos que as rodeiam e a série busca dar voz às pessoas que convivem com as crianças, aproximando o público não especializado. Por exemplo, em alguns episódios, os pais afirmam que já percebem uma diferença na produção dos balbucios iniciais e dos sons mais próximos das primeiras palavras. Isso corrobora a ideia, enfatizada no documentário, de que a criança está o tempo todo experimentando as possibilidades da língua, inclusive os sons, processo que será fundamental nas produções de fala posteriores, em que o bebê aprende a segmentar esses sons para, então, produzir as primeiras palavras (DODANE, 2014). Partindo desse ponto, um aspecto fundamental abordado é a importância da linguagem dirigida às crianças. De acordo com o documentário, é essencial que os adultos falem e estimulem as crianças em suas produções languageiras. Enfatiza-se, pois, que

a criança, ao longo desse processo, tem a necessidade de se conectar com as pessoas que a rodeiam, com a microcultura familiar, sendo esta interação que ocorre por meio da linguagem dirigida um aspecto essencial.

Há, sempre, uma busca da criança pela conexão com o outro, sendo as emoções também de extrema relevância para a constituição humana. Essa conexão pode ser percebida pelas interações em que a criança busca a atenção do outro. O que se verifica é que a atenção conjunta, como afirma Bruner (2007), e a convivência, discutida por Salazar-Orvig (2000), são fundamentais para o desenvolvimento linguageiro das crianças. Nesse ponto, podemos refletir, também, sobre um dos movimentos da língua, continuamente enfatizado na série, que são os gestos. Para demonstrar a importância dos gestos, da observação e da atenção conjunta para o processo de desenvolvimento da criança (inclusive linguístico), a série traz um experimento realizado com fantoches (ROOT, 2020, parte 2, ep. 3, “Relações”, 42 min). Nesse, a criança aponta para o objeto que chama sua atenção e para o qual deseja atrair também a atenção do outro. Destaca-se aqui, a importância da interpretação dos pais e a necessidade das palavras do adulto para a entrada do bebê na linguagem. São os pais, por exemplo, que irão interpretar o gesto de apontar do bebê, colocando-o em palavras, possibilitando com que a criança se aproprie cada vez mais dos elementos de sua língua.

A série enfatiza, portanto, que os bebês não estão alheios ao funcionamento da linguagem. Eles observam, experimentam, agem no mundo. Os bebês são muito inteligentes, adquirem a linguagem e se desenvolvem como pessoas sociais, com capacidade linguageira, se expostas à interação. Eles adentram gêneros discursivos distintos (BAKHTIN, 1997), como o da leitura e das histórias de faz de conta, por meio da mediação do outro. É fundamental, para tanto, que a criança tenha um suporte para essa aquisição da linguagem. Por trás de uma aparente fragilidade, há um ser ativo, que busca conexão com o outro e, por meio dessas relações, adentra o surpreendente mundo da linguagem.

Nutrição e desenvolvimento infantil

Quando um bebê começa a comer com a família, é um grande momento. Estão embarcando em uma vida de prazer através da comida. Mas não é só diversão e prazer. O que comemos também importa, porque é fundamental para o desenvolvimento do corpo e da mente (ROOT, parte 1, ep. 2, “Primeira fase da alimentação”, 1 min 27 s).

A série documental, em seu segundo episódio, coloca em foco a primeira fase da alimentação infantil, que compreende o aleitamento materno e a introdução alimentar. A narrativa alterna cenas do cotidiano da família com a fala de cientistas e o ambiente acadêmico. Somos apresentados a famílias com diversos formatos e em fases diferentes desse período, pois ao mesmo tempo que observamos o nascimento de uma criança e o início do aleitamento materno – ocorrendo ainda na sala de parto, um marco importante do início da alimentação infantil –, a série nos apresenta uma família que está iniciando a introdução alimentar, destacando o papel social da alimentação, que vai além do aspecto biológico de nutrir o corpo.

O foco inicial é o leite materno, acompanhando a ordem cronológica da primeira fase da alimentação infantil. Destaca-se que o leite materno é mais que um alimento, apresentando o seu papel no sistema imunológico da criança. São apresentadas nos primeiros minutos as perguntas que conduziram a pesquisa científica, como “Quais são os nutrientes importantes?”, “O que os nutrientes fazem?”, “Como os bebês obtêm esses nutrientes?”, “Como isso molda as suas vidas?”. Ao apresentar as questões de forma simples e direta, somos introduzidos no universo da pesquisa científica, compreendendo a utilidade prática do conhecimento científico.

A série não se restringe aos achados científicos, mas retrata períodos únicos e íntimos da criança e da família de forma cuidadosa, como o parto e o primeiro aleitamento materno, e em algumas cenas os pais fazem os registros dos momentos e descrevem as sensações vivenciadas, o que aproxima o documentário das emoções cotidianas.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que a pesquisadora que se dedica à investigação do leite materno apresentada pela série não é da área de saúde, como Nutrição ou Pediatria, e sim uma antropóloga, o que evidencia como a ciência deve ser explorada por diversos aspectos. Ao apresentar a pesquisadora fora do ambiente acadêmico, sem destacar os seus títulos e cargos científicos, mas sim relatando sua trajetória para chegar até aquele objeto de pesquisa, aproxima-nos novamente do ambiente da pesquisa científica de forma confortável, pois a barreira que normalmente é posta entre os pesquisadores e a comunidade em geral é transposta pela narrativa escolhida pela série. Durante a apresentação, é demonstrado que por vezes a escolha do objeto de pesquisa é feita por uma linha do afeto, por meio de experiências pessoais que geram inquietações, não sendo tão somente uma escolha racional, isso humaniza o pesquisador e aproxima o conhecimento científico do público em geral.

É destacada a lacuna existente na ciência em relação ao leite materno e, novamente, a pesquisadora nos apresenta de forma simples e clara as perguntas condutoras da pesquisa. A série introduz a pesquisa com animais, que atualmente é muito questionada, sob outra perspectiva. São ressaltadas as razões pelas quais os animais foram escolhidos, como no caso do leite materno. Os macacos, pela similaridade e pela trajetória de desenvolvimento ser mais rápida, o que permite mais observações em um período menor de tempo. A relação entre a pesquisadora e os animais é demonstrada, salientando os cuidados e os limites existentes.

Em diversos pontos, a série ressalta que para a ciência avançar, os conhecimentos já consolidados precisam ser questionados, apresentando a natureza mutável do conhecimento científico, que, por meio do avanço tecnológico, pode ser revisitado e atualizado. Um exemplo é a composição do leite materno, que era considerada padrão nas pesquisas realizadas nos anos 1980. Atualmente, as pesquisas evidenciaram as diferenças existentes na composição em relação à proteína, gordura, carboidrato e micronutrientes. A pesquisadora inclusive utilizou o termo “conversa fisiológica entre a mãe o bebê”.

Quando a série destaca o papel importante do aleitamento materno na formação de vínculo entre o binômio mãe-bebê, a escolha narrativa é apresentar cenas e relatos das mães, não sendo apresentados os diversos dados

científicos sobre essa temática, ressaltando a importância da perspectiva do sujeito, sem impor julgamentos. Ao apresentar crianças que estão recebendo fórmulas infantis de leite de vaca, somos levados a refletir sobre outra possibilidade dessa fase da alimentação, sem que seja atribuído julgamento negativo daquele processo, demonstrando a importância da ciência ao tentar reduzir a lacuna entre o leite materno e a fórmula.

Ao não discriminar as escolhas, a série não assume o caráter impositivo por vezes observado em documentários com natureza científica. O que verificamos é a aproximação com a ciência, especialmente em relação à alimentação e à nutrição do público leigo, apontando possibilidades com empatia.

Na primeira parte da série, são abordados aspectos consolidados sobre a importância da alimentação do primeiro ano de vida para o crescimento e desenvolvimento infantil. Na segunda parte, no episódio sobre os “Sentidos”, são apresentados novos achados em relação à alimentação infantil. Nesse episódio, a série aborda o paladar e as preferências alimentares do bebê, mostrando por meio de experimentos, explicados de forma simples e fácil, como a dieta da mãe no período de gravidez e amamentação influencia na aceitação do bebê na fase de introdução alimentar. A pesquisadora destaca que o bebê, antes visto como um ser que nasce como uma folha em branco sem experiências anteriores, já apresenta uma predisposição a preferências alimentares. Porém é ressaltado que nos dois primeiros anos de vida a criança está mais aberta a conhecer sabores, e que a exposição e repetição na oferta de alimentos serão importantes para a formação dos hábitos alimentares do indivíduo. Desse modo, novamente, agora a partir da discussão de aspectos nutricionais e alimentares, apresenta uma concepção de infância ativa, detentora de saberes e preferências já nos primeiros meses de vida.

Considerações finais

Por meio de uma linguagem acessível e sem muitos jargões acadêmicos, a série *Bebês em foco* favorece o acesso às informações e às pesquisas relacionadas à infância e ao desenvolvimento do bebê a um público amplo, sem deixar de contemplar os pesquisadores que lidam com o tema. A aproximação

do público com a Ciência, tão necessária nos dias de hoje, é perceptivelmente um dos focos do documentário, que organiza seu conteúdo estético e ético de modo a permitir que o espectador leigo tenha acesso às pesquisas mais atuais sobre o universo dos bebês. Apesar disso, a série não deixa de trazer os aspectos científicos para corroborar as ideias apresentadas, mostrando várias experiências e exames médicos e laboratoriais que comprovam as informações apresentadas.

Ao longo dos episódios, destaca-se que o desenvolvimento do bebê, em sua completude, está atrelado ao modo como o alimentamos, ao seu desenvolvimento psíquico, à sua integração social, ao modo como adquire a linguagem, à sua habilidade motora, ao processo de aprendizagem etc., sendo todos esses processos fundamentais para a sua constituição enquanto sujeito. Neste artigo, discutiu-se, especificamente, os aspectos nutricionais, psíquicos e de aquisição da linguagem abordados na série, refletindo sobre a abordagem desse conteúdo ao longo de todo o documentário e sobre as maneiras como as pesquisas na área vêm sendo desenvolvidas.

Para tratar do desenvolvimento do bebê, a série traz diferentes estudos, pesquisadores e campos de estudos correlacionadas com foco nos bebês, trazendo uma mudança na concepção de infância: de uma criança incompleta ou que deveria ser protegida para uma criança ativa, que nasce imersa nas relações sociais, e isso irá permitir seu desenvolvimento. Os bebês, dessa forma, são retratados como seres sociais, que buscam a emoção, a conexão com o outro e que quanto mais integrados à sociedade, mais aprendem. A infância é concebida, portanto, como um dos períodos de intenso aprendizado e desenvolvimento da criança. Há, ainda, muitos outros processos fundamentais que, devido ao limite deste texto, não foi possível abordar. Fica, aqui, essa sugestão para trabalhos futuros

Referências

- ARIÉS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRUNER, J. *Como as crianças aprendem a falar*. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 2007.
- DODANE, C. Reflexões metodológicas sobre a análise de dados longitudinais: Prosódia e primeira sintaxe. *Anais do Colóquio SELIN*, 3/09/2013, Universidades UNESP Araraquara (FCL) e IBILCE, São José de Rio Preto, Brasil, 2014.
- PIAGET, J. *Epistemologia genética* (2. ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes, 2002. (Original publicado em 1970).
- ROOT, J. *Bebês em foco*. Netflix. 2020.
- SALAZAR ORVIG, A. Eléments pour l'analyse de la connivence dans le dialogue. In M. BONDI, M.; STATI, S. *Dialogue Analysis 2000, Selected papers from the 10th IADA Anniversary conference, Bologna 2000*.Tübingen: Niemeyer, 2003, p. 339-350.